

A CAMINHO DE AFRICA

A alma e a vida duma pequena cidade flutuante

O segundo e o terceiro dias de viagem, enquanto a Madeira não surgia, aproveitei-o para visitar, minuciosamente, o paquete, desde a popa, onde se prende a barquinha, o odometro que vai registando as milhas, até ao mais alto ponto do castelo da prôa donde correntes mais grossas do que grossos braços suspendem, quando é mister, os mil quilos de ferro da ancora.

Acompanhado do imediato Gabriel Camacho, que quiz ser amavel *cicerone*, vi tudo que podia ver. Desci lá baixo, ao cobro ou chão do navio, onde assentam os grandes tanques de ferro que guardam a preciosa água; depois aos depósitos de carvão que insaciáveis guelias vermelhas vão devorando e destilando em fumo; vi os porões e cobertas de ré onde se assentam as bagagens, os milhares de caixas, e pacotes de mercadorias em que grandes letreiros negros indicam os mais diversos destinos. A popa, sobre o convés, erguem-se as instalações da segunda classe, as casas de jantar e dormir, no primeiro pizo; no segundo a sala de música, onde nunca cansa o piano e os passageiros se divertem num ar quasi feliz; e em cima, na especie de água furtada deste imaginario prédio burguês, as oficinas de carpinteiro e tipografia, e grandes gaiolas de madeira gradeada onde galos e galinhas, e diversos animais prisioneiros espream com seu olhar triste.

A meio do convés, reluzente na sua alvura, fica o bairro quasi luxuoso da primeira classe, que tem gymnásio, jardim, restaurante, biblioteca, salas de jogos e de música, corredores e varandas amplissimas no primeiro e segundo andar; em cima, no ultimo tombadilho, alinham-se as balceiras destinadas a socorros, e, por entre os alboios e ventiladores, erguem-se as pontes do comando e da agulha — o principal governo do barco. Aqui ficam, também, os beliches do comandante, do imediato, do oficial de serviço sempre atento à manobra do barco e à linha do horizonte, e a *cabine* da T. S. F., que nos põe em contacto com todo o mundo.

No convés, da ré para a prôa, sob os tombadilhos da primeira classe, rasgam-se dois largos corredores, que são como duas grandes ruas, mas contrastando singularmente. Um, todo claro e cuidado, é como espaçosa avenida, prédios ricos de impecavel alvura, e tem lojas de livros, barbeiro, bijouterias, farmácia, e vai dar às casas de banho, ao jardim, aos pateos atapetados onde correm crianças e passam pessoas bem tratadas. É o bairro rico.

O outro corredor, negro de fumo, dá serventia às casas das máquinas, a cosinha, à padaria, às bancas de carvão. É como rua som-

bria, onde nunca se vê qualquer mancha clara, onde nunca soa um riso de criança, e os homens passam sempre de rosto tisonado, vestindo ganga azul, dorsos curvados sob a canceira do trabalho. Nesta rua moram os maquinistas, os fogueiros, gente da tripulação.

Transpondo-se este corredor vai dar-se ao convés da prôa, onde vai o gado para consumo, espaço a que poderemos chamar o largo do matadouro...

Em frente deste largo fica então o bairro mais pobre e mal alumado, onde moram os passageiros da terceira e o pessoal humilde de bordo. Logo à noite mergulha em silêncio e trevas, não dá festas, e tem aquele mistério quasi tenebroso dos bairros excêntricos e miseráveis. Tal qual como das vielas de Alcantara e Mouraria, vêm-se passar moços novos, de melena e boina, e outras vezes soltam-se daqui toadas de guitarra que raparigas de olhar saudoso escutam recostadas lá cima, no quebramar. É o bairro pobre.

Estes porões da prôa, que servem de moradia à gente mais pobre e desgraçada, onde os passageiros se acomodam em terrível promiscuidade, é o sitio triste de todos os navios.

Porque há-de isto ser assim?!... Extranho preconceito este que nega, precisamente aos mais desventurados, um magro quinhão de conforto, e que até no alto mar nos lembra remediáveis desigualdades sociais...

Mas eis-nos chegados ao ponto principal desta pequena cidade flutuante, ao fulcro onde se geram e acumulam as principais energias que movimentam e animam este corpo gigantesco de ferro, madeira e aço, que transporta toneladas, e que os homens construíram com suas debeis mãos.

Se lá em cima, a ponte da agulha é como o craneo onde se encerra o mais elevado e sereno pensamento sobre o destino do navio; se os faróis, a bombordo e estibordo, são como dois grandes olhos fitando o horizonte, iluminando a marcha através dos mares; se os movimentos do leme contorcem toda a espinha dorsal do monstro, fazendo ranger seu cavername e ossatura até equilibra-lo no melhor caminho; se o telégrafo da ponte do comando é a voz intima, ora ansiosa, ora tranqüila, que mudamente se transmite do cérebro a todos os reconditos deste formidavel corpo, para unificar movimentos subordinando-os, disciplinadamente, ao mesmo pensamento; as fornalhas das caldeiras são como monstruosas bocas enegrecidas, fumegantes, que engolem, sem mastigar, toneladas de carvão e constantemente mostram as guelias vermelhas, insaciáveis e incandescentes — nada, porém, mais maravilhoso, mais forte e delicado, duma beleza tam infernal e complicada, como a casa das máquinas, onde se cruzam e emaranham canos e veios de mil feitios e espécies, e giram manivelas e rodas monstruosas, pingando óleos, numa atmosfera superior a quarenta graus, e onde o ruído mecânico, metálico é feito de mil ritmos cronometrizados, diferentes, que descrevem o movimento, a missão das diversas peças deste labirinto maravilhoso!

Além das duas formidáveis máquinas de triplíce expansão,

A epopeia do Trabalho

Os verdadeiros e reflexivos heróis no conceito do sr. António Sérgio

...E junto das enormes fornalhas, de bocarra escancarada, os fogueiros dir-se não prestes a imolar-se também entre o brasido crepitante.

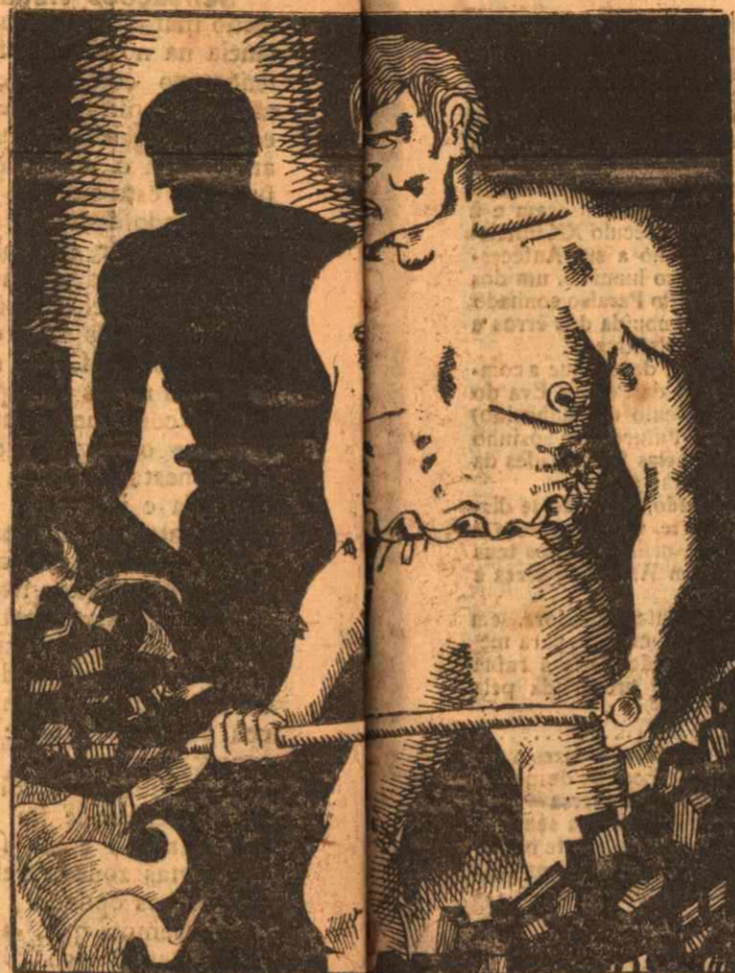
Estão negros, quasi nus, esfiapada a veste que lhe envolve parte do corpo hercúleo e em seu rosto, a poalha do carvão, empastada e sulcada pelo suor, dá-lhes uma caracterização satânica de palhaço que já não ri — de palhaço que vive apenas horas estarecidas, momentos de tragédia.

Envolve-os uma luz vermelha, luz de inferno e pesado — e eles parecem assim personagens de «Grand Guignol».

E a fornalha, insaciável, faminta sempre, exige-lhes de instante a instante novos movimentos ao dorso, e os fogueiros, ao levar a pá cheia de carvão até às fauces do monstro esbraseado, executam o mesmo gesto dos coqueiros ao fecharem as sepulturas.

Dir-se há que os fogueiros estão condenados a supplicio eterno, mitológico — dir-se há que estão sempre fundidos numa noite eterna, onde só existe, acesa, a boca sinistra dum dragão.

Expatriados do sol, eles alimentam a fornalha no



OS FOGUEIROS
Texto de Ferreira de Castro
Desenho de Roberto Nobre

ventre dos navios como se alimentassem um vulcão nas entra-nhas da terra; eles são as verdadeiras sentinelas do Fogo — do fogo sagrado que não podem deixar apagar-se.

E quando há uma pausa em sua tarefa fabulosa e eles se fundem na água, libertando o corpo dos resíduos do carvão, sua epiderme surge crestada, amorenada e seus olhos estão incertos, tímidos perante a luz solar, como os dessas raças que só vêem de noite.

Há um contraste doloroso, que em minhas viagens muitas vezes assinala, entre esses homens que lá em baixo, no coração dos vapores, vão alimentando as fornalhas incandescentes, satanizados pelo resplendor do fogo, sujos, suados, exaustos, enquanto no convés, sob a carícia das brisas marinhas, outros homens se entediam ou trocam com as passageiras formosas as setas do *flirt*, nos luxuosos salões da primeira classe.

Ao observar isso, minha alma se entristecia e se entristece ainda, por odiar esses sacrificios que a vida exige, por saber que para uns viverem em conforto é necessário o sacrificio de muitos outros.

que fazem mover o navio, vão aqui arrumadas as duas máquinas geradoras de luz, as duas centrifugas para circular água no condensador, a que fabrica o gelo para o frigorífico, a das bombas de alimentação e exgôta, a de sanidade, e a de compressão hidráulica que faz mover os guindastes.

Todo este ruído, todo este movimento, toda esta pressão, toda esta atmosfera ardente é a alma, a vida, a principal razão de ser do grande paquete.

Quando se cerra a pesada porta, colando a esta os nossos ouvidos, como se os colássemos à couraça de ferro dum imaginário gigante, logo sentimos as pancadas desse coração de ferro e aço. E' dali que partem as grandes artérias, os delicados nervos, os fortes músculos que movimentam o arcabouço do gigante. Se tudo isto parasse, se esse coração de ferro deixasse de pulsar, era a morte do navio — ele flutuaria como inerte esquife à flor das ondas até que o mar o recolhesse no fundo do seu sarcófago misterioso e inviolável...

E quedo-me então a pensar, largos momentos, no homem simples que inventou a máquina; no homem modesto que fez a máquina; no homem anónimo que faz mover a máquina — esse formidável homem que é muito mais infeliz e torturado que aqueles homens felizes que não inventaram nada, e que jamais farão mover coisa alguma...

Um companheiro vem arrancar-me às minhas reflexões. Temos terra à vista. Já Porto Santo e Desertas ficam para traz, ilhas de bruma a esfumarem-se na distância, e pela direita começa a desenhar-se, no

horizonte, o dorso azulado das rochas e picos da Madeira.

Preparemo-nos pois para encher os olhos de toda a beleza e graça da famosa pérola do Atlântico.

Funchal-Junho-1925.

JULIÃO QUINTINHA

... Que nos importam a vossa Pátria, as vossas fronteiras e as vossas delimitações arbitrárias de povos! A vossa Pátria explora-nos; as vossas fronteiras asfixiam-nos; as vossas nacionalidades são-nos estranhas. Somos homens, cidadãos do Universo; todos os homens são nossos irmãos: os nossos únicos inimigos são os nossos senhores, os que nos exploram, nos impedem de evolucionar livremente, de nos desenvolvermos em toda a plenitude das nossas forças. Não queremos mais servir de joguete, não queremos mais fazer-nos defensores dos seus privilégios, não queremos mais deixar impor-nos à libré degradante do vosso militarismo, o jugo embrutecedor da vossa disciplina. Não queremos mais curvar a cabeça: queremos ser livres. — JEAN GRAVE

... A grande doença contemporânea é a baixesa. Não se tem a ousadia de desfraldar bandeira, de entrar na liça em defesa das convicções próprias, e de harmonizar as acções com os sentimentos... Esta ausência de honestidade e de coragem viril não faz senão prolongar a vida à mentira e retardar o triunfo da verdade. — MAX NORDAU



A glória militar

IV

A lenda que nos apresenta D. João II como um grande estadista, um habilissimo politico, conquistou adeptos entre pessoas do mais sólido saber e do mais honesto pensar. Não é só o sr. António Sérgio que considera esse príncipe — herói. Explica-se porque. E' que os efeitos da obra politica de D. João II são, à primeira vista, dum valor insofismável. O ciclo dos descobrimentos é, aparentemente, criação sua. A politica imperialista de expansão e predomínio económico parece ter germinado no cérebro deste rei. A consolidação do poder real; os golpes na soberba e na ansia de predomínio dos nobres, audaz investida, embora, contra o vago e frágil feudalismo de então; o sonho do império da Península, com uma monarquia dualista, dão ao filho do Africano foros de monarca prudente e sábio, de politico previente e enérgico.

Príncipe como os queria Machiavel, que só anos depois havia de pôr por escrito os preceitos por D. João praticados na arte de reinar, o Príncipe Perfeito foi — cultura a menos e morigeração de costumes a mais — um autentico Chefe de Estado do Renascimento, com o espirito das aventuras politicas, a bossa mercantil, o egoismo avaro, a ferocidade acobertada com a «razão de estado», caracteristicas dos tiranetes dessa era.

Foi, porém, um herói este homem sombrio e mau? Teve o dom da previsão, a intelligencia penetrante, a certeza da realização do objectivo previsto, a consciencia da obra que alicerçava? Cremos bem que não. Foi tanto herói como D. Manuel, ou ainda menos.

Chamámos a D. João II «torvo assassino», mas não suponha o sr. António Sérgio que é por esse príncipe ter sido assassino, torvo ou não, que deixamos de o considerar herói. Quasi todos os heróis da acção foram assassinos. E ser assassino, hoje como ontem, é um simples pormenor. Todos nós temos apertado mãos homicidas. Todos nós somos, em boa verdade, um pouco assassinos, cúmplices ao menos. Logo, o facto de D. João «ter feito justiça» nalguns da parentela interessa pouco e não basta para o definir.

D. João matou, porém, por ambicioso cálculo, para se ver livre de concorrentes poderosos, matou por ódio e interesse pessoal. E' uma pequena agravante, que não podemos attribuir ao assassino do Andeiro ou aos matadores de D. Carlos e do filho. Adjante.

Passemos aos Descobrimientos. Teria o Príncipe Perfeito um plano de acção? Sabia o que queria e como o queria? Tudo indica que não. Aventureiro, caprichoso, cheio de ambição e de orgulho, quere dar ao filho um dote, para que os reis de Castela não lhe recusem a filha para esposa, por acharem pobre o genro. E manda emissários à toa, por esse mundo fora, a ver onde há que pilhar. O sonho do Oriente? Que mentira! Pois se ele até manda Martim Lopes para o Norte da Europa, como nos informa o sr. António Sérgio. O norte da Europa e o interior da Africa e a Abissinia não eram bem o misterioso, sedutor, Oriente, que toda a gente sabia onde era e onde iam, pelo menos os que então navegavam mais, turcos e venezianos. Toda a gente sabia onde ficavam as Indias, até elle D. João, pois quando Colombo se lhe oferece para ir lá pelo ocidente — o escorraça. A visão do estadista define-a bem esta attitude para com o homem de saber e de acção que tornou as Américas

conhecidas. E define-a também o procedimento do diplomata que aceitou o Tratado de Tordesillas. Eis os dons de previsão do «reflexivo herói» que seria D. João II no conceito dos pósteros se não se soubesse que homens como Homero ou o sr. António Sérgio dormitam algumas vezes...

D. João II, que foi um bom batalhador em Toro e um hábil traficante em Lisboa, não foi só um cavaleiro imbecil e brigão, como Nuno Alvares, nem um chatim testarudo e ávido, como o Infante D. Henrique. Teve o que nenhum destes tivera, um sonho politico, fácil aliás de sonhar e desprovido de originalidade, pois o pobre do pai tivera-o também — reunir numa só cabeça as coroas de Portugal e Castela. Toda a sua politica gira a volta desta idea fixa. Conta com o filho para a realizar. Para isso o quere rico e senhor de grandes dominios, pois a orla occidental da Península era mesquinho dote para quem ia buscar tam rica herdeira.

O que esse ambicioso sonho daria na pratica viu-se depois em 1580. Os estadistas dotados duma previsão assim costumam ser condenados no tribunal da historia, por maniacos.

Que D. João II não tinha outra idea, não tinha mais ideas, provou-se logo que morreu o filho. O politico tenaz e lúcido, a quem o couce dum cavalo basta para aniquilar, dá fracas provas de intelligencia e persistencia. Morto o filho, D. João desinteressa-se da politica — só sabia ler por aquele livro. Recolhe-se, ensimesma-se — como agora se diz — segundo uns, roído pelo remorso, segundo outros, pelo despeito, com certeza por falta da chama interior dum grande e nobre ideal.

O «falção» permite que lhe aparem as garas ávidas e sangrentas, a «coruja» deixa que lhe bebam o azeite todo da lâmpada, que frouxamente a alumia. E o «Príncipe Perfeito», detestado, impotente, morre ao abandono, como um gafo. Nem ao menos teve força para arrancar a coroa da cabeça do detestado D. Manuel, para a dar ao bastardo preferido.

E a este homem forte ainda não ergueu uma estátua a ingrata posteridade!

Pois será herói também este D. João II. Concedamos mais uma vez; com uma condição, porém: a de ser oficialmente proclamado «Messias» numa sessão solene realizada na Sociedade de Geografia — o sr. António Maria da Silva.

J. B.

